

IV Simpósio de História do Maranhão
Oitocentista: Escravidão e Diáspora
Africana no século XIX

09 a 12 de junho de 2015

Local: Universidade Estadual do Maranhão - UEMA
Prédio do Curso de História, Praia Grande, São Luís - Ma.

OS PERIÓDICOS DO SÉCULO XIX E AS SUAS DIFERENTES VISÕES ACERCA DAS FESTAS DE LARGO E PROCISSÕES EM SÃO LUÍS

Milena Rodrigues de Oliveira*

INTRODUÇÃO

A nossa pesquisa tem como proposta estudar as diferentes visões que os jornais tinham sobre as festas religiosas no século XIX. No nosso entendimento as festas religiosas são divididas em três momentos principais: a missa, a procissão e a festa de largo, resolvemos limitar nosso estudo aos dois últimos momentos pela importância e significado com que se revestiam essas duas últimas etapas das festividades para o reconhecimento/construção de identidade da instituição e de seus membros.

No tocante ao recorte espaço-temporal, é importante registrar que limitamos nosso olhar à cidade de São Luís no período de 1850 a 1875 pela disponibilidade da documentação, com certeza, mas, principalmente, o fizemos porque nesses meados do século XIX o “processo de romanização” atravessava um período de grande tensão entre os empenhos das autoridades eclesiásticas em subordinarem os fiéis às suas determinações e a resistência destes a se enquadrarem nos ideais da Igreja Católica.

Tendo em vista essas observações é necessário a contextualização do nosso objeto de estudo, em conformidade com Mary Del Priore, “as festas nasceram das formas de culto externo, tributado geralmente a uma divindade protetora das plantações, realizado em determinados tempos e locais” (2000, p.13), o que necessariamente não

1 Mestranda em História Social pela Universidade Federal do Maranhão. Agência financiadora: FAPEMA.

configura um pressuposto para a conhecida classificação das festas como “sagradas”/“religiosas” ou “profanas”. Percepção dicotomizada que vem sendo colocada em causa, uma vez que retira a complexidade das vivências dos homens e das mulheres, uma vez que enquanto:

Expressão teatral de uma organização social, a festa é também fato político, religioso ou simbólico. Os jogos, as danças e as músicas que a recheiam não só significam descanso, prazeres e alegria durante sua realização, eles têm simultaneamente importante função social (2000, p.10).

Essas formas de culto externo anteriores ao cristianismo eram realizadas no campo, com o tempo a cidade se apropriou dessas festas e mudou alguns significados. Essas duas palavras “campo” e “cidade” especificam uma variedade de conotações principalmente “a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação” (WILLIAMS, 2011, p.11)

Além dessas especificações existem outras acerca dessas palavras inclusive com uma conotação positiva “o campo associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a idéia de centro de realizações- de saber, comunicações, luz” (WILLIAMS, 2011, p.11), enfim essas informações não abrangem a amplitude de práticas existentes em meio a esses dois pressupostos.

O campo não é composto somente de pequenos proprietários rurais, observamos grandes empresários que fazem grandes investimentos em regiões bem afastadas, também notamos isto nas cidades que podem ser “capital do Estado, centro administrativo, centro religioso, centro comercial, porto e armazém, base militar, pólo industrial” (WILLIAMS, 2011, p.11)

Esse caráter de centro religioso característico das cidades foi transportado para as festas religiosas como foi mencionado anteriormente, ou seja, os festejos começaram a se concentrar nos grandes centros possibilitando assim um deslocamento das pessoas que desejavam participar, como exemplo podemos citar o seguinte caso abaixo ocorrido na cidade de Arary,

O numero de pessoas que todas as noites concorrerão, tem sido na realidade observado poucas vezes: mas por occasião da Procissão, foi o mais extraordinário possível- Pessoas (famílias) houverão que pelas noticias descerão de lugares os mais remotos, como seão os de São Benedicto e Lago Assú, e não menos perigozo pela inundaçã da estação pluviosa, meterão-se em canoas, encomados, e perigo de vida forçando, e vencendo os diques dos rios, apresentarão-se com feliz resultado (O PUBLICADOR MARANHENSE, 04/07/1850).

Como as procissões, invariavelmente, faziam parte das festas religiosas organizadas pelas irmandades, é importante observar que não são eventos de natureza puramente religiosa, uma vez que, de acordo com a historiadora Deolinda Maria Veloso Carneiro, esses:

Cortejos que reflectem uma natural tendência do homem para realizar marchas, ou desfiles de carácter ritual e comunitário, com carácter sagrado, que se encontra em todas as religiões, mas que também podem se revestir de uma motivação política, civil ou corporativa (2006, p.57).

Tendo em vista que os festejos organizados pelas irmandades constituíam espaços de sociabilidade que mobilizavam não apenas irmãos e irmãs de determinada irmandade, como também membros da sociedade mais ampla, entendemos que a recolha de informações veiculadas pelos jornais seria de grande valia para a reconstituição da época.

Ainda a respeito da utilização de jornais, nossa pesquisa se restringiu aos periódicos “O Eclesiástico”, “O Jardim das Maranhenses” e “O Publicador Maranhense”, essa diversidade foi necessária porque queríamos observar diferentes olhares sobre as festas daquela época. O Eclesiástico se definia como um periódico dedicado aos interesses da religião, sendo que era escrito por figuras importantes da Igreja Católica.

Outro jornal utilizado foi “O Jardim das Maranhenses” este se intitulava literário, crítico e recreativo, realmente percebemos poemas, críticas sobre os costumes e opiniões sobre os principais eventos que estavam acontecendo na cidade. Já o jornal “O Publicador Maranhense” se intitulava uma folha oficial, política, literária e comercial.

OS JORNAIS DO SÉCULO XIX E AS SUAS DIFERENTES VISÕES SOBRE AS FESTAS RELIGIOSAS

Os jornais constituíam um veículo de informação entre os membros das irmandades e possíveis associados, além de representarem mecanismos de formação de “opinião pública”, ou seja, de promoção da “operação simbólica de transformar vontades individuais ou setoriais em opinião geral” (GALVES apud MOREL, 2010, p.27).

As festas religiosas faziam parte da cultura maranhense do século XIX, porém esse conceito é muito complexo e perpassa várias questões históricas, originalmente “o conceito de cultura , etimologicamente falando, é um conceito derivado de natureza” (EAGLETON, 2005, p.9), porém com o tempo a palavra passou da esfera material para algo subjetivo inerente ao ser humano, partindo dessa perspectiva notamos “ uma mudança histórica da própria humanidade da existência rural para a urbana, da criação de porcos a Picasso, do lavrar do solo à divisão do átomo” (EAGLETON, 2005, p.10).

Partindo dessa perspectiva a natureza é cultural mas não só ela, a cultura está presente nos mais variados aspectos, por exemplo o trabalho do homem está relacionado a natureza e a sua modificação que implica no artificial, portanto natural e artificial estão intimamente ligados e podem corresponder” as cidades que são construídas tomando-se por base areia, madeira, ferro, pedra, água e assim por diante, e são assim tão naturais quanto os idílios rurais são culturais” (EAGLETON, 2005, p. 13), sendo assim as festas também tinham suas características rurais e citadinas.

Essa relação entre cultura e população também se tornou evidente na Inglaterra do século XVIII, Eduard Thompson observou que a classe dominante privilegiava a hegemonia cultural em detrimento do poder econômico ou cívico (1998, p.46), isso acontecia pela grande capacidade de manipulação que poderia ser exercida exatamente pela esfera cultural.

Os governantes tinham consciência do poder da cultura, observamos isto no próprio incentivo que alguns davam as festas religiosas, um colaborador do London Magazine esboçou o seguinte,

As danças no gramado nas festas paroquiais e em ocasiões alegres não só deveriam ser toleradas como encorajadas. E pequenos prêmios distribuídos às moças que melhor dançassem um ginga ou uma hornpipe fariam com que retornassem a eu trabalho diário de coração leve e com uma obediência grata a seus superiores (THOMPSON, 1998, p.49).

Essas práticas populares tiveram que coexistir com o clero católico, essa estratégia foi utilizada como alternativa da Igreja para se manter atuante entre as classes populares, na verdade a fronteira entre lazer e trabalho não era muito bem delimitada nesta época, “as reuniões sociais mesclavam-se ao trabalho – o mercado, a tosa das ovelhas e a colheita, o ato de buscar e carregar os materiais de trabalho, e assim por diante o ano todo” (THOMPSON, 1998, p.52).

O clero teve que abarcar essas novas práticas nas mais variadas regiões inclusive no Maranhão, temos um exemplo de um jornal católico maranhense que enfatizava exatamente essas festas nas suas páginas “esteve à porta da Igreja a banda de musica militar dos Educandos, cujo corpo com sua musica acompanhou a procissão, com a guarda de honra e a banda de musica” (O ECLESIAÍTICO, 03/06/1861).

As festas religiosas eram divulgadas nos principais jornais da cidade de São Luís e eram um dos principais locais da prática da sociabilidade:

Sociabilidade é a qualidade do ser sociável, estando relacionada ao comportamento coletivo em espaços formais ou informais definidos. Nestes espaços, o homem estabelece vínculos, busca os aspectos agradáveis das relações humanas, a fruição da presença do outro, a reciprocidade (MULLER apud AGULHON, 2010, p.3).

A imprensa passou a ser atuante no Brasil a partir do século XIX, no Maranhão também aconteceu isso com a iniciativa pioneira em 1821 do manuscrito Conciliador Maranhense, esse periódico chegou a ter 34 números e tinha como objetivo tentar “ aplacar a crescente exaltação dos ânimos entre portugueses e maranhenses que viviam em constante litígio” (JORGE, 2008, p.21).

Não utilizaremos o Conciliador na nossa pesquisa, mas havia um jornal em São Luís que vai interessar nosso estudo que abordava o cotidiano das famílias maranhenses, esse era conhecido como Jardim das Maranhenses e gostava muito de descrever as festas religiosas que aconteciam na cidade.

No século XIX havia uma preocupação com a “civilidade” da sociedade, se isso não acontecia a pessoa poderia ser recriminada das mais variadas formas, o Jardim das Maranhenses gostava de ironizar quem não seguia esses parâmetros da sociedade vigente:

A véspera de Reis, foi uma noite de completa harmonia, a exceção de vários grupos de chucadores que acompanhados d uma rançosa viola grunhião de porta em porta com desagradável efeito das vozes, desde o pior e desentoadado verso, até o melhor que é este: Gloria ao deus menino. Glória ao Deus Omnipotente. Que esta nossa gente. Só querem cachaça (O JARDIM DAS MARANHENSES, 02/12/1861).

Norbert Elias reafirmou essa “civilidade” no seu livro de 1939 “O processo civilizador”, este tem como base manuais de civilidade escritos na Época Moderna. Em sua obra o autor explica o conceito de civilté, segundo ele este “ adquiriu significado para o mundo Ocidental numa época em que a sociedade cavaleirosa e a unidade da Igreja se esboroavam “(ELIAS, 1994, p.67), ou seja, o conceito de civilté já esboçava desde o início uma exaltação de uma sociedade que estava em baixa.

Erasmus de Roterdã foi o autor desses manuais mencionados e foi o responsável pela evolução do conceito de civilité para civilization, a partir daí esta palavra “ficou gravada na consciência do povo com o sentido especial que recebeu no tratado de Erasmo” (ELIAS, 1994, p.68), portanto essa mudança de significado propiciou mais especificamente uma relação direta com boas maneiras.

A noção de civilidade perpassa a fronteira entre público e privado que no século XIX se constituía como algo ainda mais tênue, a festa era o espaço em que essa mistura entre público e privado acontecia de forma mais evidente. Notamos esta informação em um jornal católico de 1861 que se preocupava com a sociabilidade das mulheres,

E que as mulheres, que forem irmãs desta confraria, a quem não é decente vagando pela cidade para acompanhar o Santíssimo Sacramento, determinar, determinarão procurar, que por lhes fosse concedido, que todas as vezes que ouvissem tocar o sinos para ir o Senhor fora, rezando de joelhos cinco Padre nossos e cinco Ave-Marias, alcançassem as mesmas graças e indulgências, que os irmãos são concedidos: o que tudo consta de seus documentos (O ECLESIASTICO, 18/09/1861)

Notamos a preocupação que se tinha naquela época em controlar o ir e vir das mulheres, até mesmo o acompanhamento do Santíssimo Sacramento poderia se tornar algo perigoso se não fosse envolto em uma severa observação por parte das autoridades da Igreja Católica, até as indulgências eram utilizadas como estratégia para manter essa mulher dentro da sua casa.

O Eclesiástico se definia como um periódico dedicado aos interesses da religião, era redigido por autoridades da Igreja Católica e comentava sobre visitas episcopais, festas religiosas, transcrevia bulas papais enfim os assuntos eram variados. No século XIX existia outro jornal parecido com este, o nome dele era “O Cristianismo” e tinha os seguintes temas “História do cristianismo, O papa, O homem, Deus, A razão, A Igreja, A Caridade, Ateísmo, A esmola, A Sagrada Escritura, Socialismo, Todos os santos etc” (JORGE, 2008, p.221).

Esse jornal nos ajuda a perceber as relações muito próximas entre teoria e prática, estas “são muito parciais e fragmentárias. Por um lado uma teoria é sempre local, relativa a um pequeno domínio e pode se aplicar a um outro domínio, mais ou menos afastado” (FOUCAULT, 1979, p.69), isto é, este periódico pretendia aplicar uma teoria em São Luís, porém os mesmos ensinamentos poderiam ser aplicados em outra região dependendo da circunstância.

Os jornais exerciam no século XIX uma esfera de poder que perpassava pelo estatuto da verdade, ou seja, quem lia aquelas notícias buscava algo que reafirmasse algo significativo para a sociedade daquela época, portanto se uma determinada festa religiosa aparecia em vários jornais diferentes o leitor entenderia que aquela era uma festa importante e merecia uma observação mais atenta.

As festas podem ser enquadradas em uma rede de poderes, para Foucault a rede de poderes é muito mais interessante do que a estrutura, sendo assim o poder está presente na sociedade sobre diferentes formas e está relacionado aos saberes, por exemplo o pai exerce poder sobre o filho, o chefe sobre o empregado, enfim todos estão imersos nessas práticas, sendo assim os jornais exercem um poder sobre o público e influencia a partir disso.

Foucault chamou essa análise citada acima de descendente portanto “o poder partiria do Estado e procuraria ver até onde ele se prolonga nos escalões mais baixos da sociedade, penetra e se reproduz e seus elementos mais atomizados” (MACHADO, 1979, p.13). A esfera descendente está relacionada as diferentes formas de exercício do poder, as procissões são um exemplo da atuação do Estado dentro das festas religiosas.

Essas manifestações passavam os valores da sociedade vigente e poderiam reforçar a obediência ao Estado ou a Igreja para a realização da procissão, notamos no trecho abaixo como essas autoridades poderiam se fazer presentes dentro da própria manifestação religiosa:

Em presença do Exm. e Revm. Sr. Bispo Diocesano, seguiu-se a procissão, levando o mesmo Exm. Sr. Bispo Diocesano o S.S. Sacramento sob o palio, cujas varas forão carregadas, desde a porta da Cathedral, e durante todo o transito, pelo Exm. Sr. Presidente da Província, e pelos Srs. Presidentes e mais membros da Il. Camara Municipal, chefe da Estação naval, com os respectivos officiaes, Comandante do 5 de fuzileiros com sua officialidade, empregados públicos e muitos outros cidadãos gradados (O ECLESIASTICO, 03/06/1861).

Foucault também se interessou pela formação cultural, sendo que essa formação deveria ser construída de uma forma fragmentária, sendo assim “é uma história de começos, mas sem causas. Em vez da monocausa, ou causa primeira, Foucault nos deu um jogo sem causas” (O BRIEN, 2001, p.58). As festas são um exemplo de fragmentação no discurso e correspondem a práticas culturais da sociedade, elas não fazem parte das grandes estruturas marxistas, porém são essenciais para reafirmar valores de uma sociedade vigente.

A influência de Foucault na atualidade geralmente se refere a uma série de temas e se relaciona também a uma construção dos sujeitos, partindo desses pressupostos as festas religiosas tinham uma série de personagens que eram figuras importantes na realização do festejo, essas pessoas participavam de forma mais ativa porque se identificavam de alguma forma com as festas, portanto percebemos uma construção de identidade bem visível de alguns sujeitos.

Percebemos a partir dessas informações sobre Foucault que ele revolucionou a prática historiográfica,

Sendo que a melhor utilização da sua obra esteja não em tentar encontrar uma teoria onde não existe nenhuma, ou impor limites onde não existe plasticidade, mas antes, em deformar sua obra, fazê-la gemer e protestar (O BRIEN, 2001, p.61).

Outro teórico que se interessou pelas diferentes esferas da sociedade foi Michel de Certeau no seu livro “Invenção do Cotidiano”, este estabeleceu uma proposta de pesquisa que influenciou a disciplina História de forma bem evidente. Ele se interessou pelas práticas e pelas resistências portanto é necessário,

Uma teoria das práticas cotidianas para extrair do seu ruído as maneiras de fazer que, majoritárias na vida social não aparecem muitas vezes senão a título de resistências ou de inércias em relação ao desenvolvimento da produção sócio-cultural (CERTEAU, 2009, p.17).

As festas religiosas podem ser entendidas apesar da influência do Estado e da Igreja como pequenas resistências a ordem vigente, cada festa religiosa tinha os seus modos de fazer e o seu campo de influência. Certeau queria dar voz a essas pessoas que usualmente não eram contempladas pela historiografia, sendo assim ele dividiu sua obra em cinco partes, a primeira abordou a cultura dita ordinária, a segunda as teorias da arte de fazer tendo como referência Foucault e Bordieu, a terceira as práticas de espaço, a quarta os diferentes usos da língua e a quinta parte que esboça as diferentes maneiras de crer.

O capítulo que mais nos chamou atenção foi o quinto que explica as diferentes maneira de crer, Certeau exemplifica no seu trabalho a definição de crença, “entendo por crença não o objeto do crer, mas o investimento das pessoas em uma proposição, o ato de enunciá-la considerando-a verdadeira” (2007, p.278).

Sendo assim a crença não está vinculada a um dogma mas a algo subjetivo e individual, com o tempo a crença vai ser ligada a instituições religiosas “aquilo que não era transportável ou ainda não fora transportado, para as novas regiões do progresso era

visto como superstição; o que era utilizável pela ordem vigente ganhava o valor de convicção” (2007, p.279).

Os jornais ratificavam exatamente as crenças ligadas as instituições religiosas, as que não estavam vinculadas a um dogma dificilmente eram citadas nos jornais e quando eram mencionadas geralmente tinham um caráter depreciativo, por exemplo a Irmandade do Rosário promovia o Congo dentro da sua festa religiosa. Esse ritual “é uma dança que lembra a coroação do Rei congo e da Rainha Ginga de Angola, acompanhado de um cortejo compassado, levantamento de mastro e música” (CERNIAVKIS, 2010, p.8), no periódico Jardim das Maranhenses percebemos o caráter depreciativo na seguinte frase “E os tais Congos! Jesus! Nem toquemos nisso...” (02\12\1861).

Michel de Certeau ainda complementa explicando algumas questões sobre as Igrejas, segundo ele “as Igrejas ou mesmo as religiões, seriam não unidades referenciais, mas variantes sociais nas relações possíveis entre o crer e o crido, elas teriam sido configurações (e manipulações) históricas particulares” (2007, p.285). As religiões induzem a uma determinada crença e a uma maneira específica de praticar um culto, portanto a religião seria um suporte para a manifestação do crer.

Maria Odila também expressa em seus escritos a necessidade do estudo do cotidiano, aliás o próprio termo segundo ela está envolto em controvérsias, usualmente pode ser conhecido como rotina e fatos encadeados em uma determinada lógica, porém existem teóricos que entendem este conceito de uma outra forma esboçando “mudança, rupturas, dissolução de culturas, possibilidades de novos modos de ser” (DIAS, 1984, p.226).

Maria Odila ainda complementa dizendo que a cultura de massa tem no cotidiano um grande lugar de atuação, ou seja, se anteriormente as notícias eram restritas para um público, na atualidade a maioria das pessoas tem acesso à informação, isso possibilita uma difusão de certos padrões que vão modificar algumas estruturas do cotidiano.

A autora propõe com seu estudo uma hermenêutica do cotidiano que parte “de um enfoque de crítica da cultura e da metafísica tradicional, que consiste num esforço de transcender dualidades como sujeito-objeto, natureza- cultura, concreto-abstrato” (DIAS, 1984, p.231). Pretendemos aplicar esse método nos jornais do século XIX, estes podem a princípio passar uma visão de interpretação, mas na verdade os

documentos falam nas entrelinhas e esse é o grande diferencial dos trabalhos historiográficos da atualidade.

Temos um exemplo bem significativo desse falar nas entrelinhas em uma famosa festa que acontecia em São Luís no século XIX:

Extraviou-se no dia da Festa de Nossa Senhora dos Remédios, parte de huma relação de pessoas que comprarão medidas e medalhas da mesma Senhora. Sabe-se que por engano se embrulharão nella duas medidas e duas medalhas; porem ignora-se o nome da pessoa que a levou; por isso roga-se-lhe obsequio de entregal-a ao Procurador da Irmandade o Sr Francisco da Borja Ferreira (O PUBLICADOR MARANHESE, 22\10\1850)

Esta notícia apesar de estar relacionada a festividade dos Remédios, não está se referindo ao culto mas a algo incomum que aconteceu com as medidas e medalhas que eram vendidas em honra aos Remédios, isto é, o grande questionamento do jornal foi o desaparecimento da relação de pessoas que compraram as medidas e medalhas, portanto quem fez isso, foi proposital ou não, percebemos uma infinidade de perguntas que só podem ser melhor esclarecidas com a devida pesquisa e interpretação sobre o assunto.

O primeiro redator do periódico “Publicador Maranhense” foi João Francisco Lisboa, ele especificou o seguinte sobre o jornal,

Em primeiro lugar, as notícias políticas e comerciais, tanto nacionais como estrangeiras e depois a legislação e os atos do governo; e finalmente variedades que instruem, recreando, eis aí com que encheremos o quadro deste jornal” (O PUBLICADOR MARANHESE, 09\07\1842).

Outro livro que se interessou pelo estudo do cotidiano sendo que foi influenciado pela Escola dos Annales foi “Montaillou, povoado occitânico, 1294-1324” de Emanuel Le Roy Ladurie. Nesta obra o autor se propõe a fazer uma reconstrução da aldeia occitânica na Baixa Idade Média, percebe-se a preocupação em tentar abarcar todas as características da sociedade dessa pequena aldeia, ele se propõe também a especificar “a ausência de conflitos sociais e a visão interclassista das mentalidades mostram um Ladurie disposto a ver apenas o cotidiano da aldeia, construído a partir de uma estrutura onde reinam os fatores ecodemográficos” (GOMES, 2008, p.172).

Ladurie foca a sua atenção totalmente aos acontecimentos cotidianos, esse encadeamento tem como referência a família Clergue e a sua atuação dentro do povoado de Montaillou, na nossa pesquisa também tenho como foco o cotidiano através dos jornais do século XIX, a partir desses documentos tento construir uma trama que

envolva as festas religiosas e os principais personagens que financiam e participam desses festejos.

João Lisboa como foi citado anteriormente era o redator do Publicador Maranhense e dessa forma fazia crônicas sobre o cotidiano de São Luís, ele falava sobre a cidade e seus personagens à semelhança de Emanuel Le Roy Ladurie. Lisboa descreveu a festa dos Remédios, com seus personagens, vestimentas e os seus bailes, ele comentava o seguinte “reprovo estes abusos, desvios, excrescências e superfetações, que desnaturam a festa, e contrariam a sua índole e caráter todo popular, universal e sem exclusões (1992, p.45). O autor do comentário está se referindo ao convite do baile que retira o caráter popular do festejo, ele inclusive comenta que não sabia o que tinha acontecido nos bailes porque para nenhum ele tinha sido convidado.

Este editorial subjetivo que expressava uma opinião de forma bem evidente poderia ser entendido como jornalismo interpretativo, portanto Lisboa poderia ser considerado um intelectual politizado porque tinha os seguintes traços,

Em primeiro lugar, sua posição de intelectual na sociedade burguesa, no sistema de produção capitalista, na ideologia que ela produz ou impõe, em segundo lugar seu próprio discurso enquanto revelava uma determinada verdade, descobria relações políticas onde normalmente não eram percebidas (FOUCAULT, 1979, p.70).

João Lisboa era um crítico dos costumes e era respeitado como grande intelectual de São Luís, portanto ele utilizava do seu prestígio para influenciar a opinião das pessoas através dos seus folhetins. Foucault explicou na sua obra que esse era o papel do intelectual, ou seja, não cabia a ele expressar informações “um pouco na frente ou um pouco de lado”, ele deveria expressar abertamente o que pensava (1979, p.71)

CONCLUSÃO

Embora durante muito tempo não tenha despertado grande interesse por parte dos historiadores, dentro das novas perspectivas historiográficas, as festas em geral, e as religiosas em particular, constituem hoje objeto de ampla produção do conhecimento histórico. Entretanto, no que diz respeito ao Maranhão, ainda são poucos os estudos acerca dessa temática, localizando-se uma produção mais alentada no campo da antropologia, particularmente estudos que se situam no âmbito das tradições festivas afro-brasileiras.

Feitas essas considerações, convém registrar que tendo em vista as possibilidades de leitura do social que a festa oferece, seu estudo seria bastante profícuo para a reconstituição e análise da sociedade maranhense em um período determinado. Nessa perspectiva é que se situa o nosso trabalho, na medida em que objetiva ser uma contribuição para o desenvolvimento da temática, por conseguinte, uma contribuição para o conhecimento da sociedade ludovicense de meados do século XIX, uma vez que empreendeu uma análise sobre as festas religiosas a partir de jornais de grande circulação da época.

As festas religiosas foram muito importantes para a sociedade maranhense do século XIX e eram um dos principais assuntos dos periódicos. Nestes locais a sociabilidade acontecia de forma bem evidente e os jornais foram o veículo para divulgação e descrição desses festejos, percebemos também a partir deste trabalho como os periódicos influenciavam na opinião das pessoas e notamos como esses jornais estabeleceram um perfil que nos faz traçar um panorama das principais festas existentes em São Luís do Maranhão.

REFERÊNCIAS

BRAUDEL, Fernand Braudel. **Civilização material, economia e capitalismo, séculos XV- XVIII: as estruturas do cotidiano**. São Paulo, Martins Fontes, 1995.

CARNEIRO, Deolinda Maria Veloso. **As procissões na Póvoa de Varzim (1900-1950)**. Imaginário religioso e piedade colectiva, volume I. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006. Disponível em: www.memoriamedia.net/bd_docs/.../imaginario%20religioso.PDF. Acesso em: 05/12/2012.

CERNIAVKIS, Elvira. Congo: fé ou festa eis a questão. Universidade de São Paulo, 2010. Disponível em <http://www.usp.br/celacc/ojs/index.php/blacc/article/viewFile/183/211>. Acesso em 24/07/2014.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2009.

DEL PRIORE, Mary Lucy. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea**. Projeto História – trabalhos da memória. São Paulo, n 17, Nov. 1998.

DUBY, Georges (org). **História da vida privada 2: da Europa feudal à Renascença**. São Paulo. Companhia das Letras, 2009.

EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. São Paulo. Editora Unesp, 2005.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar, 1994.

FOUCAULT, Michel. Os intelectuais e o poder; In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1979.

GALVES, Marcelo Cheche. “**Ao público sincero e imparcial**”: imprensa e independência do Maranhão (1821-1826). Universidade Federal do Maranhão, Niterói, 2010. Disponível em <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1199.pdf> Acesso em 01/03/2013.

GOMES, Thiago de Melo. **Emanuel Le Roy Ladurie e a visão da história dos Annales**. Revista do departamento de História e do programa de pós-graduação em História, vol 12, num 01, 2008. Maringá.

JORGE, Sebastião. **A imprensa do Maranhão no século XIX (1821-1900)**. São Luís, 2008.

MACHADO, Roberto (org). Por uma genealogia do poder; FOUCAULT, Michel. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1979.

MULLER, Dalila. **Sociedade harmonia pelotense: um espaço de sociabilidade e de distinção da elite pelotense (1851-1860)**. VII Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo, 20 e 21 de setembro de 2010, São Paulo. Disponível em www.anptur.org.br/index.php/seminario/2010/paper/.../283. Acesso em 01/03/2013.

MULVEY, Patrícia. Irmandades. In: SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Dicionário da história da colonização portuguesa no Brasil**. Lisboa: Verbo, 1994, p. 444-448.

O BRIEN, Patrícia. A história da cultura em Michel Foucault. In: HUNT, Linn (org). **A Nova História Cultural**. São Paulo. Martins Fontes, 2001.

O ECLESIÁSTICO. **Periódico dedicado aos interesses da religião**. Maranhão: ano IX, 18 dez.1860, 3 jun. 1861 e 18 set.1861.

O JARDIM DAS MARANHENSES. **Periódico semanario, literario, moral, crítico e recreativo**, Maranhão: ano I, 2 dez. 1861.

O PUBLICADOR MARANHENSE. **Folha oficial, política, litteraria e comercial**. Ano I, 9 jul. 1842. Ano IX, 4 jul, 22 out.1850.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular**. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade:** na história e na literatura. São Paulo. Companhia das Letras, 2011.

VAINFAS, Ronaldo. **História da vida privada:** dilemas, paradigmas, escalas. Anais do Museu Paulista, n.4, 1996.